

Atoleiro argentino

Rogério L. Furquim Werneck*

O desfecho da disputa presidencial argentina não deixa margem a dúvidas sobre a extensão da repulsa do país ao peronismo. Quase 56% do eleitorado entendeu que, tendo em conta a forma calamitosa com que Sergio Massa se saiu na condução da política econômica do atual governo, não fazia sentido alimentar qualquer expectativa de que o candidato peronista pudesse liderar o inadiável e hercúleo esforço de retirar a Argentina do pavoroso atoleiro em que foi metida.

O candidato do governo foi derrotado em 21 das 24 províncias do país. Só levou a melhor em duas províncias de menor importância do Norte e no seu grande reduto eleitoral, a província de Buenos Aires, onde, para sua surpresa, quase empatou com o adversário.

Tamanha foi a repulsa ao peronismo, que o eleitorado preferiu bancar os riscos de entregar os destinos do País a Javier Milei, um *outsider*, sem experiência política relevante prévia, que, sob uma bandeira “liberal libertária”, tem vociferado um discurso antissistema extremado e apregoado a adoção de um mal alinhavado programa radical de política econômica.

É verdade que algumas das medidas defendidas por Milei são perfeitamente defensáveis. Não há como contestar a urgência de enfrentar o descalabro fiscal, reconstituir reservas internacionais, dar combate efetivo à alta inflação e dismantelar o extenso aparato de políticas peronistas distorcidas que vêm tolhendo exportações e mantendo preços cruciais em níveis artificiais, altamente subsidiados. Mas não há como defender, por exemplo, sua desatinada intenção de extinguir o Banco Central tão logo a economia seja dolarizada.

Nas próximas semanas, a plataforma radical de Milei está fadada a ser submetida a inevitável choque de realidade. E repensada à luz do apoio parlamentar com que o novo governo poderá efetivamente contar. Terminado o segundo turno da disputa presidencial, o novo presidente contava, ao certo, com não mais que oito dos 72 senadores e 38 dos 257 deputados. E nenhum governador de província.

Como a maior parte das medidas que Milei pretende adotar deverá exigir aprovação do Congresso, o presidente-eleito enfrenta agora o desafio de negociar ampliação substancial de seu apoio parlamentar para que tais medidas possam vir a ser viabilizadas.

O que ainda não se sabe é se Milei terá a habilidade política requerida para enfrentar com sucesso a complexidade desse desafio. E, se terá a lucidez requerida para perceber que boa parte da votação recorde que obteve adveio da aversão do eleitorado ao peronismo, e não do entusiasmo que suas ideias mais controvertidas possam ter despertado.

Seja como for, instalou-se um quadro delicado na Argentina, com alto potencial de desestabilização, que terá de ser acompanhado de perto pelo Brasil. Mas o desempenho de Brasília nessa área tem sido lamentável. É espantoso que o governo tenha se mostrado incapaz de se dar conta da extensão da repulsa do eleitorado argentino ao peronismo. E mais espantoso ainda que, por cego viés ideológico, tenha se permitido dar desajuizado apoio explícito a Sergio Massa, não obstante sua atuação catastrófica como ministro da Economia.

Foi no Brasil que Massa veio buscar marqueteiros que pudessem vitaminar sua candidatura com uma “campanha do medo” contra Milei, em linha com campanhas similares a que candidatos governistas já tiveram de recorrer por aqui, em eleições especialmente acirradas.

Ao se permitir imiscuir indevidamente no processo eleitoral de um país vizinho de tamanha importância, o governo acabou saindo chamuscado, como qualquer calouro do antigo Instituto Rio Branco teria sido capaz de antever. Em face da derrota acachapante do candidato peronista, agora se difunde em Brasília, como deprimente reparo, que não teria havido apoio do governo a Sergio Massa e, sim, apoio pessoal do presidente Lula da Silva.

A verdade é que o governo brasileiro saiu muito mal na foto. E, num momento delicado, iniciou com o pé esquerdo sua relação com o novo governo argentino, que já prometia ser extremamente problemática.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.